

## RESENHAS

### TEOLOGIA

VANNIER, Marie-Anne (dir.), **La christologie chez les mystiques rhénans et Nicolas de Cues**, coll. « Patrimoines – Christianisme », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2013, 211 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09836-6.

Marie-Anne Vannier é diretora da Equipa de investigação sobre os místicos renanos, na Universidade Paul Verlaine, de Metz. Contra a corrente que desvaloriza a preocupação cristológica nestes pensadores, esta equipa, que trabalhou o assunto em colaboração com o Instituto para a Investigação de Cusano, de Trier (Tréveris), mostra neste livro que, na verdade, a cristologia foi por eles assumida e aprofundada.

Um primeiro conjunto de estudos incide sobre o Mestre Eckhart. A própria Marie Anne Vannier abre o caminho, convidando à descoberta da sua cristologia e realçando, com J. Ratzinger, a ideia eckhartiana de Cristo como o homem perfeito, Deus feito homem para que este se torne por graça o que Deus é por natureza. Jean Devirendt realça, por sua vez, a ligação da cristologia com a eclesiologia. Pierre Gire, na base do *Comentário ao Evangelho de João*, uma vez mais os laços estreitos entre a cristologia e a antropologia de Eckhart. a passagem da metafísica do Êxodo à metafísica do Verbo é evidenciada por Yves Meessen. Isabelle

Raviolo centra a sua atenção na encarnação do Verbo, com o intercâmbio de criado e incriado, seguindo-se um estudo de Jean Reaidy sobre a questão da filiação divina e outro, de Maxime Mauriège, sobre a questão da ciência divina.

Ao Mestre renano segue-se Henrique Suso, por conta de Monique Gruber, a qual mostra como aquele místico articula a sua cristologia com a visão da sabedoria eterna, e como elabora uma mística da Paixão, precursora da *devotio moderna*.

Nicolau de Cusa ocupa a investigação de que dá conta a última parte do livro. Aí são realçados o carácter cristocêntrico da pregação do Cusano (Andreas Euler), a união hipostática (J.-C. Lagarrigue), a ligação irrecusável entre a cristologia e a antropologia (Klaus Rheinhardt) e a noção especificamente cusana de *Christoformitas* (Harald Schwaetzer).

LUÍS SALGADO

PUJOS, Nathanaël, **La « kénose » du Père chez H. U. von Balthasar. Génèse et limites**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2013, 201 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09743-7.

O termo grego «kénosis» foi usado, é sabido, por S. Paulo no conhecido hino da Carta aos Filipenses, para exprimir o esvaziamento ou despojamento assumido por Jesus em relação à sua condição divina (Fl

2, 7). A «kénosis do Pai» é, por sua vez, uma expressão forjada por H. U. von Balthasar, na base daquela ideia paulina, para dizer o mistério do amor de Deus: amor mútuo do Pai e do Filho, amor eterno, amor que, entretanto, teve uma expressão temporal nos mistérios da Encarnação e da Redenção pela Cruz. A conjugação do amor eterno entre o Pai e o Filho e destes por nós com esta sua expressão temporal só é possível porque esta não belisca minimamente aquele amor eterno.

Dentro da típica ideia balthasariana da Glória, não há no facto contradição, pois que esta «kénosis», que é do Filho, faz, paradoxalmente, brilhar a sua glória no seu apagamento. Por outro lado, ela tem o seu fundamento na própria «kénosis do Pai», uma «kénosis» eterna em que o Pai gera o Filho, dando-lhe tudo o que Ele é.

Nathanaël Pujol – sacerdote nascido em Paris, ligado à Comunidade das Bem-aventuranças de que é atualmente o responsável nos Estados Unidos – desenvolve este tema, não isento de problemas, da teologia de von Balthasar, repartindo o seu estudo por três partes.

Na primeira parte, expõe sobre a origem da expressão «kénosis do Pai», analisando sucessivamente os contributos da filosofia (E. Przywara e K. Barth), da teologia (S. Boulgakov), da mística (Adrienne von Speyr), até desembocar na teologia balthasariana, com a sua soteriologia dramática. Na segunda parte, expõe sobre o conceito da «kénosis do Pai», realçando o carácter dramático-trinitário da cruz e bem assim alguns aspetos do mistério da Trindade, como a «posse de si», os «espaços de liberdade», a «adoração» e a «intercessão» em Deus, a desapropriação do Pai na sua ação geradora do Filho (que é, propriamente, a sua «kénosis»). A terceira parte analisa os limites do conceito de «kénosis do Pai», mediante uma tríplice crítica: a crítica

dogmática, a incidir sobre a subsistência da Pessoa divina; a crítica fundamental, com a conjugação das ideias de Trindade imamente e Trindade económica e a chamada da atenção para o uso analógico do termo «kénosis» na sua atribuição ao Pai na sua relação com o Filho; e, finalmente, uma crítica epistemológica, a obedecer à questão de fundo: abuso de vocabulário ou alcance soteriológico? e, ainda, com uma questão final: «kénosis do Pai»: uma expressão poética, dramática ou soteriológica?

A posição de N. Pujol pode resumir-se nestas palavras com que encerra a sua «Conclusão»: Bem entendido, conforme a análise do seu estudo, «o termo “kénosis” [...] não introduz então trevas em Deus, vazio ou nada, antes manifesta na pobre gramática dos homens – a única de que dispomos – o inefável mistério de um Amor sempre maior» (p. 186).

JORGE COUTINHO

ABDEL-NOUR, Fadi, **Vérité et Amour. Une lecture de « La Théologique » de Hans Urs von Balthasar**, coll. « Cogitatio fidei », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2013, 338 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09774-1.

O autor deste livro, encarregado de curso na Universidade de Montréal e especialista em teologia fundamental, procura nele repensar a verdade intramundana e a verdade divina, bem como as suas mútuas relações, tendo em conta a lógica do amor e tendo por base uma leitura interpretativa de *A Teológica* de H. U. von Balthasar. Numa análise muito minuciosa – entre dois absolutismos a evitar: o absolutismo dogmático (objetivista) e o absolutismo relativista (subjetivista) – ele procura, afinal,